



A Árvore dos Livros

Sentado confortavelmente na copa de uma árvore, Arlo abriu o livro e inspirou. Adorava o início dos livros e o seu aroma a uma imensidão de possibilidades!

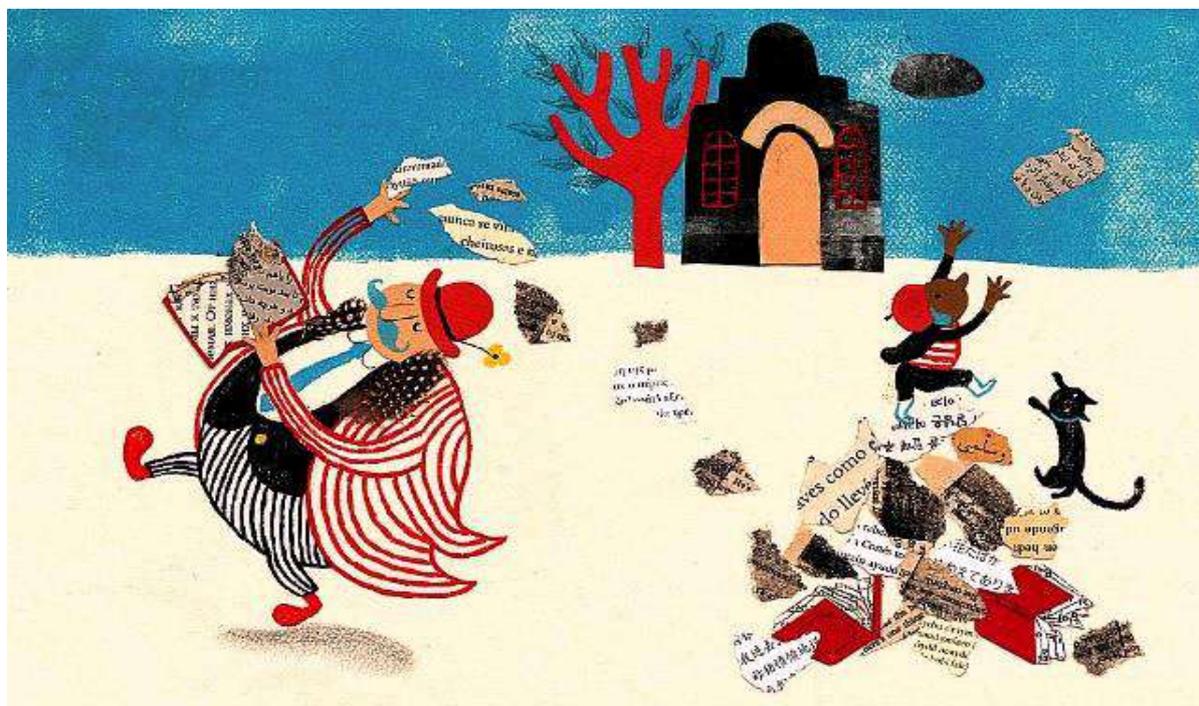


PUM!

— Peço desculpa, Senhor Presidente! Distraí-me com o meu livro e escorregou-me das mãos.

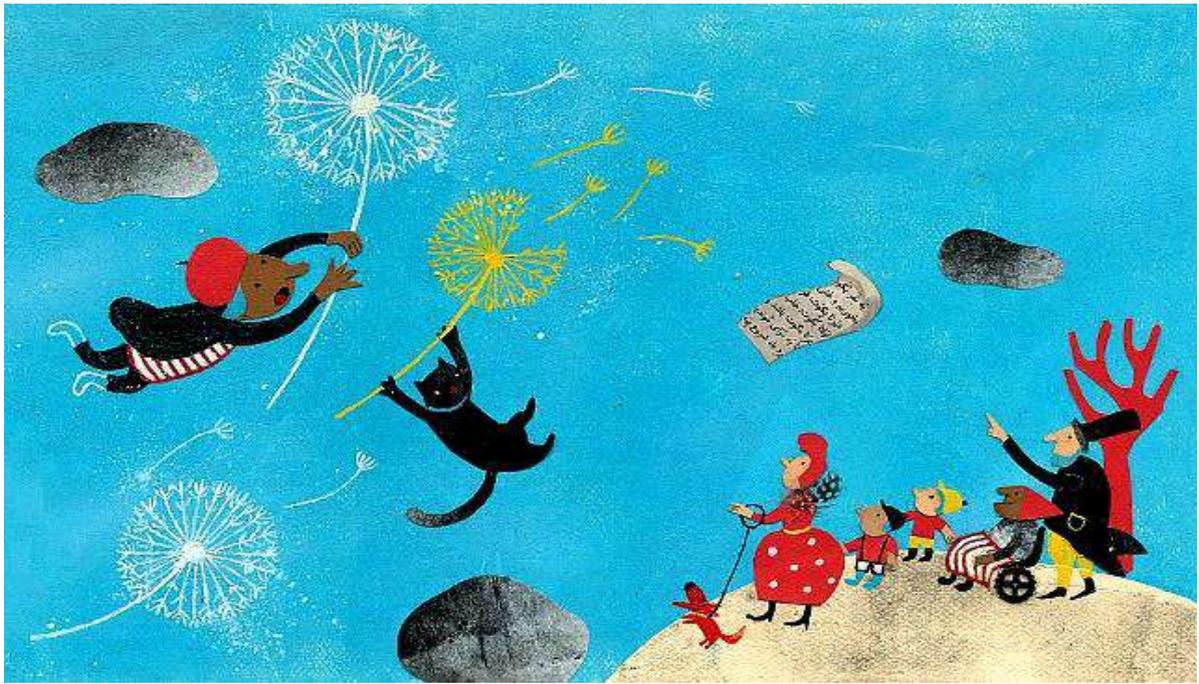
— Que insensatez! Livros são coisas perigosas! Não confio neles. São uma espécie de sementes que dão origem a ideias que, por sua vez, se transformam em perguntas. Eu é que te vou dizer o que tu precisas de saber.

O presidente da câmara começou por recolher todos os livros da biblioteca e, a seguir, da cidade inteira. Depois, rasgou-os em mil pedaços até não restar senão uma única página, que flutuou na brisa.



Arlo desatou a correr atrás da página à medida que ela voava pela cidade. Parecia uma semente de dente-de-leão a vagar ao sabor da aragem. Quando atingiu o solo, a terra lamacenta engoliu-lhe as letras todas, até que acabou por desaparecer completamente.

Arlo pensou que talvez o presidente da câmara tivesse razão. Bem vistas as coisas, as pessoas tinham-no escolhido para o cargo, por isso, ele lá devia saber o que fazia.



entudo, a ausência dos livros mudara tudo: na escola, os professores não tinham nada para ler. Por isso, a hora do conto passou a ser a hora da sesta.

Sem livros de receitas, os restaurantes passaram a servir apenas cereais.

As pessoas deixaram de ir ao teatro, porque os atores não tinham peças para interpretar.

E, no local preferido de Arlo, as prateleiras estavam completamente vazias.



Arlo sentou-se no chão, no sítio onde a última página acabara de desaparecer. Tinha saudades do estalido das lombadas quando se abrem os livros pela primeira vez. Tinha saudades do cheiro e da textura do papel. Tinha saudades, sobretudo, de se perder numa grande aventura.



Foi com tristeza que Arlo escreveu a palavra FIM no meio da lama. O final dos livros era a parte de que ele sempre menos gostara.

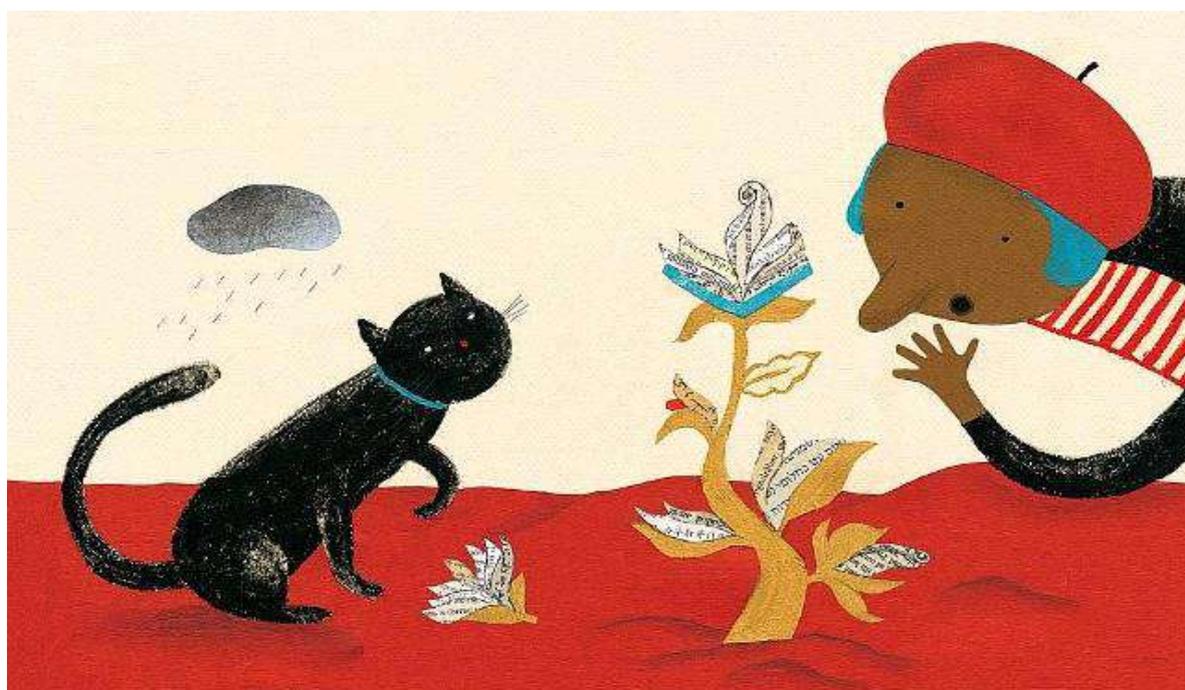


Mas, enquanto olhava para as palavras, uma ideia foi ganhando forma. Pegou em papel e lápis e deu livre curso à imaginação.

Embora lesse as suas histórias em voz alta, as pessoas que passavam não paravam para o ouvir.

Foi então que se apercebeu de um som familiar, que julgou nunca mais ouvir: o som de um livro a ser folheado.

Procurou a origem do som e reparou que um rebento brotava do local onde a página ficara enterrada. À medida que ia desabrochando, ia-se enchendo de palavras, pedindo a Arlo mais e mais.



Com cada história que Arlo escrevia e lia em voz alta, o rebento crescia.

Quando escreveu sobre um gigante, a plantinha tornou-se numa árvore muito alta, de ramos estendidos, a tocar as nuvens. Quando escreveu sobre um monstro que cuspiam fogo, os ramos ficaram tão fortes que nem garras de dragão. Quando escreveu sobre um cisne mágico feito de papel, flores de papel de seda transformaram-se em livros.

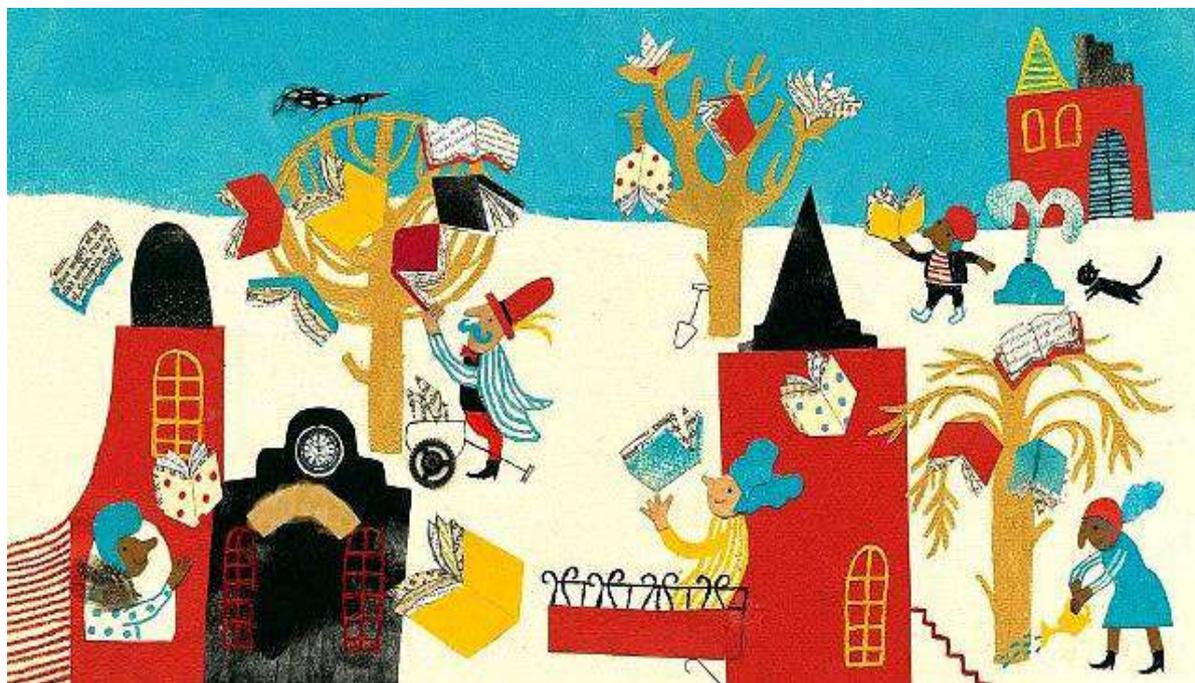
Assim que os livros ficavam maduros, Arlo trepava aos ramos da árvore, inspirava profundamente e deliciava-se com os seus frutos.



Uma vez, enquanto Arlo lia, uma amiga parou debaixo da árvore.
— Estou tão aborrecida. Não tenho nada para fazer.
— Porque não experimentas ler? — perguntou Arlo.
— Isso é... um livro?
— É. Ora ouve: adoro esta história! — disse Arlo enquanto a ajudava a subir para o seu cantinho aconchegado na copa da árvore.

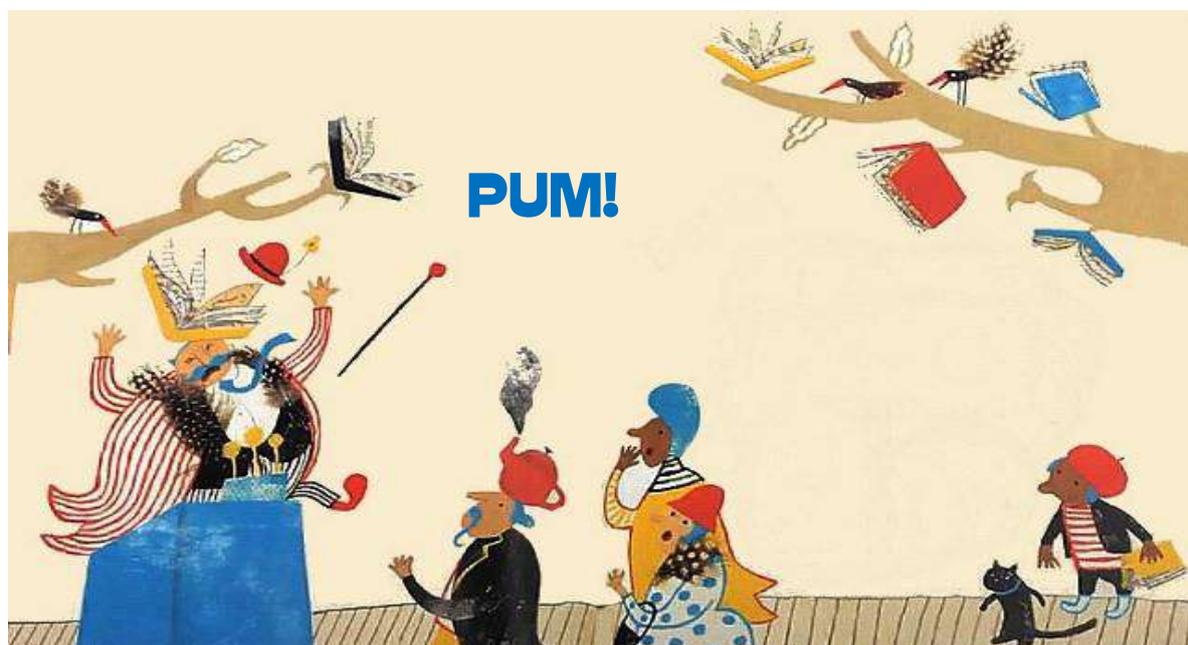


Não tardou até que bandos de leitores se empoleirassem nos ramos. Os livros espalharam-se pela cidade como o pólen pelo ar. As pessoas começaram, outra vez, a ficar cheias de vontade de ler. Algumas passaram até a escrever as suas próprias histórias e tornaram-se jardineiras de livros.



Os áceres cor de fogo enchiam-se de livros coloridos, os chorões gotejavam poesia e as árvores de fruto cobriam-se de livros de receitas.

As árvores cresciam e a cidade desabrochava.



Concentrado nas suas tarefas camarárias, o presidente ainda não se tinha dado conta das mudanças, até que um livro maduro caiu e lhe acertou em cheio na cabeça...

PUM!

O presidente da câmara reclamou, batendo com os pés no chão com toda a força.

— Quem é que plantou estas árvores?

— Foi o senhor — respondeu Arlo. — Quando rasgou os livros, o senhor semeou ideias.

— Que disparate! É a segunda vez que me magoo na cabeça por causa de um livro. As árvores têm de ser cortadas.

— Impossível! A nossa cidade é agora um enorme jardim cheio de livros e de histórias.



O presidente da câmara percorreu as ruas da cidade.

Comeu num restaurante, assistiu a um espetáculo no parque e embrenhou-se na leitura de uma história sobre um menino que queria caçar uma baleia numa poça de água.



— Foram os livros que fizeram tudo isto? — perguntou, atônito.
— Não — respondeu Arlo enquanto entregava ao presidente uma história acabadinha de colher. — Os livros foram apenas as sementes.



Paul Czajak
The Book Tree
Cambridge, Barefoot Books, 2018
(Tradução e adaptação)